

Letrário**editora*

Manual de Procedimento

Luís Ene

Junho 2008



Cheguei àquela aldeia numa das minhas fugas de Lisboa. Acontecia-me cada vez com mais frequência fugir de Lisboa e perder-me no Alentejo profundo. Era mais uma pequena aldeia igual a tantas outras, deserta e fora do tempo. Como todas elas, também esta tinha um pequeno café onde entrei para beber uma bica e descansar um pouco. As viagens que então fazia e me levavam a locais como aquele não obedeciam a qualquer plano. A estrada fora, por estradas cada vez mais secundárias, cada vez mais desertas, até que deixasse de saber de todo onde estava. Então parava numa pequena aldeia, procurava um café e ficava para ali até me apetecer regressar. Conduzia durante várias horas, de forma quase mecânica e tentava não pensar em coisa alguma. Não me perguntem porque o fazia. Faço sempre aquilo que sinto necessidade de fazer, sem me perguntar porquê. Desconfio das explicações. A maior parte das coisas explicam-se por si e as outras o mais certo é não precisarem de qualquer explicação. Isto não quer dizer que eu não goste de investigar, fiz mesmo disso profissão, mas interessa-me sempre muito mais o como do que o porquê. Ou talvez para mim o como seja ele mesmo o porquê. Entrei no café e sentei-me. Era um café igual a tantos outros, pensei, mas mesmo assim pensando, senti desde logo uma estranheza que não me abandonou e teimou mesmo em crescer. Olhei as mesas e as cadeiras vulgares, o balcão de azulejos, a janela que dava para a rua, o homem atrás do balcão, e não percebi de onde vinha essa estranheza.

“Quer alguma coisa?”, disse o homem todo vestido de branco, e eu pedi-lhe uma bica e uma água com gás, natural. Ele afastou-se sem dizer nada e, já detrás do balcão, mostrou-me uma garrafa num gesto claro. Assenti. Trouxe-me a bica e a água e voltou para o balcão, de onde por momentos me ficou a olhar, até que pareceu desinteressar-se.

Bebi o café, que estava bom, bebi a água e fiquei à espera de sentir vontade de me ir embora, de voltar para Lisboa. Se contasse a alguém que percorria centenas de quilómetros só para beber um café em sítio nenhum e voltar depois para casa, deveriam achar que eu estava louco, e talvez estivesse mas, então como hoje, acredito que somos todos loucos. Resta-nos escolher qual a loucura que queremos viver.

Olhei em redor, à procura de alguma coisa que faltasse. Ou alguma coisa que estivesse a mais. Reparei logo que não havia qualquer calendário. Em todos os cafés onde as minhas fugas me tinham levado havia sempre um ou mais calendários, oferecidos por comerciantes locais. Aqui não havia nenhum. Teria algum significado? Percebi também que nenhum dos objectos de uso comum tinha qualquer publicidade, o que também não era normal. Não me pareceu assim tão surpreendente. Não era isso que me estava a causar aquela sensação de estranheza. Também não havia o habitual tablóide nem qualquer jornal local, e isso já me pareceu estranho. Por outro lado, numa das mesas, estavam dois ou três livros. Um livro grande, de capa dura, azul, e dois livros pequenos. Não lhes conseguia ver os títulos e não me aproximei então da mesa. Gosto de investigar, já o tinha dito, mas não gosto de me apressar. E muitas vezes gosto de deixar os problemas sem solução, criando pequenos mistérios que de outra forma nunca se manteriam vivos. Numa das paredes que disse nuas vi então, perto da janela, e talvez por isso não o tivesse visto antes, um pequeno desenho, um estudo a carvão. Não estava assinado, o que confirmei à saída.

O homem vestido de branco, a não ser este facto, pois até os sapatos eram brancos, pareceu-me vulgar, só naquele pormenor se distinguindo dos outros homens que me habituei a ver ao balcão daqueles cafés sempre tão iguais. Era tão vulgar que me dispensei de o descrever. E de poucas palavras, como constatei quando lhe fiz duas ou três perguntas vulgares. Paguei, e saí, com a sensação de ter passado ao lado de alguma coisa que se

furtara aos meus olhos permanecendo no entanto bem à vista. Olhei para trás, para a porta e para a janela do café, para a fachada igual a tantas outras e senti vontade de voltar a entrar e sentar-me ali até que o mistério daquele local se me revelasse. Mas se era um mistério como se me revelaria? O que eu queria dizer era que precisava de ter a certeza de que ali havia um mistério, mesmo que eu nunca viesse a saber qual era. Sinto que, neste momento, quem me lê não concordará comigo, mas a verdade é que eu acredito que podemos sentir um mistério sem que ele alguma vez revele o seu segredo. Aliás é por isso que qualquer mistério é um mistério, por assim permanecer, e nisto penso que alguns concordarão comigo.

Saí então do café, entrei no carro e concentrei-me em voltar para Lisboa. Esta era sempre a parte mais aborrecida. Os regressos são sempre muito menos divertidos do que as partidas. Se querem saber, detesto os regressos. Por isso é que, por mais contraditório que pareça, voltava sempre a partir, sem destino. Mas regressei àquele café e àquela aldeia, não por acaso, como antes, mas por ser a minha vontade. E não foi fácil voltar ali. Precisei de mais de uma tentativa para o conseguir.

A sensação de estranheza voltou, mal entrei de novo no café, e não me abandonou enquanto ali estive, mas continuei a não perceber porquê. Estava tudo na mesma, exactamente na mesma, e isso só aumentou a minha sensação de estranheza. O mesmo desenho, os mesmos livros, o mesmo homem, vestido por completo de um branco amarrotado de nuvem. Fiquei ainda mais convencido de que havia ali um mistério, mas não me apressei, deixei-me ficar sentado, no centro mesmo do mistério. O homem vestido de branco ignorou-me, completamente mergulhado em si mesmo e não foi ainda daquela vez que o confrontei com as minhas dúvidas.

O seu nome era Francisco Charrua, curiosamente o mesmo nome de um artista plástico falecido havia cerca de dez anos, no auge de uma carreira fulgurante, curiosamente, ainda, no mesmo ano em que Francisco Charrua se tornara dono daquele café. Antes disso nunca por ali o tinham visto. Vivia só e não recebia quaisquer visitas. Foi o que me disseram. Francisco Charrua, o artista plástico, consagrou-se com as suas instalações, cópias mais que perfeitas de objectos e locais, no que a crítica classificou como uma rigorosa metáfora da impossibilidade do real. Confesso perceber muito pouco de arte; é, para mim, um dos mistérios que gosto de deixar para quem quiser explicar, outro que não eu. Ainda outra curiosidade, Francisco Charrua, o artista plástico, vestia-se sempre de negro.

Neste momento da narrativa várias coisas podiam acontecer e estou certo de que o leitor está consciente disso mesmo. Eu poderia concluir, por exemplo, que os Francisco Charrua, o morto e o vivo, eram apenas um, como verifiquei pela fotografia do primeiro e aliás único Francisco Charrua. E não diria mais nada. Ao leitor ficaria a tarefa de imaginar o que acontecera. Ou talvez reproduzisse, apenas, a terminar, uma das suas últimas afirmações, numa entrevista a uma revista de arte, em que dizia que gostaria de terminar os seus dias atrás do balcão de um café de província. Mas a verdade é que os dois homens eram demasiado diferentes para serem o mesmo, ainda que se concluísse não ter o morto afinal morrido. Neste ponto, o leitor pensará talvez que me preparo para fazer a narrativa dar uma extraordinária volta sobre si mesma, terminando-a de forma invulgar, numa extraordinária demonstração de perícia, mas a verdade é que não tenho mais para contar. Como disse, não gosto de resolver mistérios, gosto apenas de os encontrar. Nada me agrada mais do que estar perante um mistério, uma coisa sem solução, ainda que tal dependa de mim, dependa da minha inércia ou da minha teimosia em não o resolver. Que, no mesmo ano em que o artista plástico Francisco Charrua morreu, um outro

Francisco Charrua surgido do nada se torne dono de um pequeno café numa aldeia perdida, onde apenas parece esperar a morte, com um ar amarrotado de nuvem, isto parece-me um mistério suficientemente grande para não pedir qualquer explicação. Foi o que pensei, e durante muitos anos voltei ali, para durante algum tempo me sentar bem no centro de um mistério.

Fim



Luís Ene – Autor de um romance premiado (*A Justa Medida*, Porto Editora, 2003), Luís Ene é também uma das vozes mais valiosas no universo blogger português. *1001 Pequenas Histórias*, livro editado em 2005, dá notícia do labor diário levado a cabo no blogue com o mesmo nome, iniciado em Agosto de 2002. É fundador e co-editor da *Minguante*, revista *on-line* dedicada à microficção. Vive em Faro.

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt